

Psicologia pediátrica: uma revisão sobre a fundamentação teórica e atuação na hospitalização infantil

Fernando Guidi Lopes, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Samuel Jardim Santos, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Rebeca Nicoli Norberto, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Laisla Vitti de Oliveira, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Enrico Ulisses Bertotti, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Bianca Kauane Volante, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil,
biancak.volante@grupointegrado.br

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Pediátrica é definida como um subcampo interdisciplinar do amplo campo da Psicologia da Saúde, cujo foco da atuação é prevenir e amenizar o dano causado pela hospitalização e doença no que diz respeito ao curso do desenvolvimento de crianças e adolescentes (Castro, 2007). Além disso, considerando a atuação dentro do hospital, a Psicologia Hospitalar compreende que o adoecimento nesse contexto é multifacetado, considerando a existência infantil de maneira biopsicossocial, buscando preservar as potencialidades dessa fase da vida, acolher as emoções e dúvidas que podem decorrer desse processo tanto da criança, quanto da família, e profissionais envolvidos (Carnevali 2020).

Justifica-se esta revisão de literatura pela complexidade que o tema da pediatria hospitalar demanda, precisando haver articulações entre o cuidado com a criança e o amparo da família, grupo que desempenha papel essencial no desfecho clínico do paciente (Carnevali 2020). Sua relevância reside na compreensão da integração entre a fundamentação teórica, o suporte à família e aplicação de estratégias que visam a humanização e engajamento deste processo, visto que intervenções lúdicas e empáticas têm se mostrado eficazes na compreensão da vivência hospitalar e seus desdobramentos emocionais (Azevêdo e Santos, 2011).

Diante do conteúdo apresentado, mostra-se claro então que o presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão de literatura, a fundamentação teórica da psicologia pediátrica, bem como as possibilidades de atuação do psicólogo voltadas ao suporte da criança e da família.

2 METODOLOGIA

A presente produção caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de natureza qualitativa, permitindo uma análise ampla dos estudos relevantes sobre o tema. O universo e a amostra da pesquisa foram compostos por obras clássicas de referência (livros) e artigos científicos selecionados por sua relevância temática e contribuição teórica para o contexto da psicologia pediátrica e hospitalar, disponíveis em plataformas de dados eletrônicas (SciELO, Pepsic).

O tratamento dos dados se deu pela análise dos conteúdos pertinentes ao tema, que pudessem contribuir para a organização entre os conceitos teóricos e atuação profissional, visando responder aos objetivos propostos sobre as possibilidades de intervenção do psicólogo no suporte à criança hospitalizada e sua família.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A análise da atuação do psicólogo no âmbito hospitalar pediátrico exige que primeiro se entenda a compreensão da Psicologia Pediátrica como uma subárea especializada da Psicologia da Saúde. Este campo está voltado à intervenção sobre aspectos emocionais e desenvolvimentais de crianças e adolescentes em contextos de enfermidade. A consolidação histórica desse campo do conhecimento remonta a 1968, com a criação da Divisão 54 da *American Psychological Association* (APA), marco fundamental para a legitimação científica da área (Castro, 2007).

Historicamente, a Psicologia da Saúde desenvolveu-se sob forte influência do modelo biomédico, pautado em uma visão biologicista que compreendia o adoecimento a partir de uma perspectiva fragmentada, dissociando mente e corpo. Tal concepção, ancorada na tradição cartesiana, exerceu hegemonia sobre o pensamento médico (Crepaldi; Rabuske; Gabarra, 2006). Contudo, o avanço das práticas em saúde e a inserção de equipes multiprofissionais, impulsionaram uma transição para o modelo biopsicossocial. Conforme afirma Castro (2007, p. 398):

[...] o modelo biopsicossocial compreende a saúde como fruto de uma combinação de vários fatores, incluindo características biológicas (por exemplo, predisposição genética), fatores de comportamento (ex: estilo de vida) e condições sociais (ex: influências culturais) [...] No que se refere à saúde, portanto, existe a mudança de enfoque do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial, que vai da fisiologia individual à cultura, das intervenções individuais às políticas públicas, da prevenção primária aos cuidados paliativos.

Fruto desse contexto, a Psicologia Hospitalar operacionaliza esses princípios ao promover um cuidado integral ao paciente. A convergência entre Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar e Psicologia Pediátrica torna-se evidente na medida em que o atendimento à criança hospitalizada exige não apenas a consideração do quadro clínico, mas também das suas condições emocionais, do seu estágio de desenvolvimento e das dinâmicas familiares envolvidas (Azevêdo e Santos, 2011).

Considerando o desenvolvimento infantil, a hospitalização é uma experiência potencialmente estressora e em certos casos, traumática. Os impactos, agravados devido ao limitado repertório emocional da criança para lidar com isolamento e procedimentos invasivos, podem se manifestar como medo, ansiedade, insegurança e regressões comportamentais (Castro, 2007). Segundo Carnevali (2020), a proporção de crianças que sofrem sequelas psicológicas após a internação é significativa, destacando que a maioria sente mais emoções negativas em comparação com positivas no processo.

Considerando esse repertório, o apego aos cuidadores é identificado como recurso vital de enfrentamento, visto que são eles que fornecem as estratégias psicológicas

das quais a criança se apropria para enfrentar as dificuldades (Trianes, 2002). Inclusive, o jogo se mostra um recurso valioso por ser a forma pela qual a criança expressa sua compreensão de mundo e elabora novas situações, tendo efeito terapêutico na hospitalização, aproximando a criança da sua realidade pregressa e facilitando o contato com o profissional de psicologia (Aley, 2002).

Além dos processos emocionais de ordem interna, a hospitalização impõe rupturas sociais bruscas, como o afastamento da escola e o convívio familiar ampliado, podendo contribuir para sentimentos de isolamento e fragmentação dos vínculos sociais fundamentais nessa fase do desenvolvimento (Chiattonne, 2003; Dias, Baptista, & Baptista, 2003). Pela forma como a enfermidade da criança mobiliza todo o sistema familiar, Castro (2007, p. 397) reitera como a psicologia pediátrica deve expandir o seu olhar:

As consequências psicológicas da doença e do tratamento podem ser várias, a curto e a longo prazo, para a criança e a família. Isso exige, da Psicologia, cada vez mais conhecimentos para atender e tratar crianças e adolescentes que convivem diariamente com doenças graves ou são sobreviventes de problemas que, até poucos anos atrás, levavam à morte. Por isso, a Psicologia pediátrica aplica os conhecimentos da Psicologia da saúde ao cuidado da criança e do adolescente doente, bem como às suas famílias.

Dessa forma, torna-se claro que a formação do psicólogo inserido na área pediátrica deve contemplar um viés amplo quanto às necessidades da criança e família envolvidas, compreendendo desde os aspectos emocionais e comportamentais da criança em contextos de patologia, até como a doença é recebida em sua subjetividade, considerando as influências sociais, sobretudo, da família (Carnevali, 2020). Dessa forma, o conjunto de capacitações do profissional precisa abarcar entendimento sobre desenvolvimento humano, psicopatologias, estratégias de intervenção e também uma postura acolhedora e empática, buscando amenizar o sofrimento (Crepaldi, Linhares e Perosa, 2006).

Embora a atuação do psicólogo seja indispensável no contexto pediátrico, Mosimann e Lustosa (2011) relatam que ainda existe muito à ser conquistado no ambiente hospitalar, exigindo do profissional desdobramentos éticos, teóricos, ideológicos e sobretudo, abertura para uma abordagem interdisciplinar. Um dos maiores desafios do psicólogo hospitalar consiste em superar a hegemonia biomédica do hospital, considerando o corpo biológico e aparelho psíquico como unidade no tratamento (López-Roig, Pastor e Neipp, 2003).

Outro desafio trazido por Simonetti (2013) é de que o manejo no ambiente hospitalar é diferente do clínico, trata-se de um atendimento generalizado para com a criança, a família e a contribuição com a equipe médica, diferente do *setting* individual da clínica. A lógica hospitalar demanda do profissional a transcendência do modelo clínico e a adequação ao novo ambiente, exemplificada à impossibilidade de realizar por exemplo, sessões de 50 minutos de terapia, submetendo-se ao tempo de internação e limitações institucionais. (Chiattonne, 2011).

Além disso, Nicassio, Meyerowitz e Kerns (2004) apontam outros tipos de barreiras institucionais, como limitações financeiras, que afetam não apenas o psicólogo hospitalar e suas intervenções, como também à toda a área da saúde. Tonetto e Gomes (2007) prosseguem ao apresentar relatos de profissionais da psicologia

hospitalar, que denunciam a falta de tempo que têm para elaborações interdisciplinares devido à grande demanda de trabalho advinda da falta de pessoal capacitado e empregado.

Apesar de tamanhas dificuldades estruturais, Castro (2007) considera que os avanços teóricos e metodológicos para lidar com a saúde de crianças e adolescentes são inegáveis, tornando necessários estudos e capacitações que considerem as particularidades da criança, seu desenvolvimento, condições emocionais, familiares e sociais. Permanece como papel do psicólogo hospitalar o de transformar o ambiente hospitalar em um espaço de continuidade do desenvolvimento, de adesão ao tratamento e de promoção de saúde, por meio das intervenções apropriadas ao potencial de cada criança (Aley, 2002).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento teórico, foi possível compreender que a psicologia hospitalar e pediátrica se consolidam como campos indispensáveis na promoção da humanização do cuidado e da promoção de saúde para crianças, adolescentes e famílias. Evidenciou-se que a hospitalização infantil foge de ser apenas um evento clínico, abarcando rupturas na rotina e no modo de viver que demandam do psicólogo uma abordagem multifacetada, que possibilite o cuidado ao paciente, amparo à família e diálogo interdisciplinar com demais áreas da saúde.

Os fatos analisados demonstram que a transição do modelo biomédico para o biopsicossocial é um marco relevante que permite que as práticas atuais abordem a criança em sua totalidade, considerando seu desenvolvimento e repertório emocional. Ademais, observou-se que recursos e intervenções que aproximem a criança de sua realidade antes da enfermidade são valiosos para a manutenção da saúde mental durante a internação, como o brincar.

Contudo, desafios como a hegemonia do saber médico e limitações institucionais revelam que a prática da psicologia no hospital ainda demanda esforços contínuos. Conclui-se que o psicólogo deve estar preparado para superar a lógica clínica e se adaptar às urgências hospitalares.

Por fim, ressalta-se que novos estudos são necessários para explorar a eficácia de intervenções em diferentes contextos de patologia, visando fortalecer teoricamente e promover da área para garantir a atuação qualificada do psicólogo no processo pediátrico.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia pediátrica. Psicologia hospitalar. Modelo biopsicossocial. Saúde.

REFERÊNCIAS

ALEY, K. E. **Developmental Approach to Pediatric Transplantation. Progress in Transplantation**, v. 12, nº 2, pp. 86-91, 2002.

AZEVÊDO, Adriano Valério dos Santos; SANTOS, Ana Flávia Trindade dos. Intervenção psicológica no acompanhamento hospitalar de uma criança queimada. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 328–339, 2011.

CARNEVALI, Lídia Freitas. **Psicologia pediátrica: hospitalização infantil e sistema familiar**. 2020. Trabalho acadêmico (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CASTRO, Elisa Kern de. Psicologia pediátrica: a atenção à criança e ao adolescente com problemas de saúde. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 396-405, set. 2007.

CHIATTONE, H. B. C. A criança e a hospitalização. In V. A. A. Camon (Org.), **A psicologia no hospital** (pp. 23-100). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CHIATTONE, H. B. C. A Significação da Psicologia no Contexto Hospitalar. In: ANGERAMI-CAMON, V. A. (Org.). **Psicologia da Saúde: um novo significado para a prática clínica**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning Edições, 2011.

CREPALDI, Maria Aparecida; LINHARES, Maria Beatriz Martins; PEROSA, Gimol Benzaquen. **Temas em psicologia pediátrica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CREPALDI, M. A., RABUSKE, M. M., & GABARRA, L. M. Modalidades de atuação do psicólogo em psicologia pediátrica. In CREPALDI, M. A., LINHARES, B. M., PEROSA, G. B. (Orgs.), **Temas em psicologia pediátrica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006

DIAS, R. R. & BAPTISTA, M. N. & BAPTISTA, A. S. D. Enfermaria de Pediatria: Avaliação e intervenção Psicológica. In Baptista, Makilim Nunes & Dias Rosana Righetto. **Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2003.

LÓPEZ-ROIG, S.; PASTOR, M. A. & NEIPP, M. C. Aspectos Psicológicos Asociados a la Hospitalización. In: Remor, E.; Arranz, P. & Ulla, S. (orgs.). **El Psicólogo en el Ámbito Hospitalario** Bilbao: Desclée de Brouwer Biblioteca de Psicología, 2003.

MOSIMANN, Laila T. Noletto Q.; LUSTOSA, Maria Alice. A Psicologia hospitalar e o

hospital. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 1, p. 200-232, jun. 2011 .

NICASSIO, P. M.; MEYEROWITZ, B. E. & KERNS, R. D. The Future of Health Psychology. **Health Psychology**, Lon Angeles, USA, v. 23, nº 2, 2004.

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de psicologia hospitalar: O mapa da doença**. 7. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013

TONETTO, A. M.; GOMES, W. B. **A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar**. Estud. psicol. (Campinas), v. 24, n.1, p. 89-98, 2007.

TRIANES, M. V. **Estrés en la Infancia: su Prevención y Tratamiento**. Madrid: Narcea Ediciones, 2002.